

A IDENTIDADE PROFISSIONAL DE TREINADORES DE ESCOLAS DE FUTEBOL: ENTRE O SONHO E A INSATISFAÇÃO

*THE PROFESSIONAL IDENTITY OF SOCCER SCHOOL COACHES:
BETWEEN DREAM AND DISSATISFACTION* 

*LA IDENTIDAD PROFESIONAL DE ENTRENADORES DE ESCUELAS
DE FÚTBOL: ENTRE EL SUEÑO Y LA INSATISFACIÓN* 

 <https://doi.org/10.22456/1982-8918.138111>

 **Ana Karla Rodrigues Pereira*** <anakarla.ef@gmail.com>

 **Larissa Rafaela Galatti**** <lgalatti@unicamp.br>

 **Carlos Rogério Thiengo***** <crthiengo@gmail.com>

 **Heitor de Andrade Rodrigues*** <heitor@ufg.br>

* Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, GO, Brasil.

** Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP, Brasil.

*** Ginga Futebol. Bauru, SP, Brasil.

Resumo: O objetivo deste estudo foi investigar a constituição da identidade profissional de treinadores esportivos que atuam com o ensino do futebol para crianças. Os dados foram coletados a partir de entrevistas narrativas com quatro treinadores e uma treinadora com formação em Educação Física. Para a análise dos dados, realizamos a transcrição; reconstrução da estrutura diacrônica e sincrônica; análise compreensiva e análise comparativa. Os resultados revelam que o processo de constituição identitária é decorrente das sucessivas socializações realizadas ao longo da vida, resultando em negociações entre as dimensões relacional e biográfica. Concluímos que a identidade profissional dos treinadores e da treinadora é marcada pelo sentimento de frustração, resultando em uma identidade insatisfeita no que se refere às expectativas profissionais e que idealiza a formação continuada como porta de acesso para o reconhecimento social e melhores possibilidades de inserção profissional.

Palavras-chave: Identidade profissional. Treinadores. Treinadora. Futebol.

Recebido em: 22 jan. 2024
Aprovado em: 9 jul. 2024
Publicado em: 14 set. 2024



Este é um artigo publicado
sob a licença *Creative
Commons* Atribuição 4.0
Internacional (CC BY 4.0).

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo versa sobre a identidade profissional de treinadores que atuam no contexto de escolas de iniciação ao futebol. Para tanto, nos debruçamos sobre a investigação do processo de construção da identidade de treinadores, a qual permite acessar as representações elaboradas pelos indivíduos ao longo de suas trajetórias de vida em estreita relação com contextos socioculturais vivenciados, revelando entendimentos de si como pessoa e profissional (Cardoso; Batista; Graça, 2016; Milistetd *et al.*, 2013; Rodrigues, 2014).

As identidades profissionais são resultado dos processos de socialização, sendo reconhecidamente provisórias, fragmentadas, contraditórias e inacabadas, em constante transformação ao longo da vida (Rodrigues; Paes; Souza Neto, 2018; Zanatta, 2011). Ao fazer parte de uma instituição um indivíduo tende a aderir aos códigos e normas específicas do contexto, resultando em uma socialização que permite a interiorização da realidade social (Berger; Luckmann, 2014; Dubar, 2009).

Considerando a produção científica sobre a temática da identidade profissional no campo da Educação Física, a revisão de literatura de Souza Júnior *et al.* (2023) aponta a predominância e o aumento das produções com foco na identidade docente. Ao observar os participantes das investigações, estes autores identificaram diversos perfis profissionais, sendo a maioria voltado a atuação no contexto da educação formal. No entanto, destacam a presença de graduados em licenciatura/bacharelado que atuam como treinadores esportivos (Moletta *et al.*, 2019; Rodrigues; Paes; Souza Neto, 2018), revelando uma identidade profissional que não havia sido abordada anteriormente na literatura.

A investigação de Moletta *et al.* (2019) revela que a construção da identidade profissional dos(as) treinadores(as) está diretamente relacionada às situações de aprendizagem em diferentes espaços de socialização primária e secundária ao longo da vida. Por sua vez, o estudo de Rodrigues, Paes e Souza Neto (2018) evidencia que a identidade profissional é resultante da interação entre trajetórias biográficas e relacionais de cada indivíduo, e no caso dos treinadores brasileiros está intimamente relacionada às tradições de formação esportiva e aos mecanismos da formação inicial em Educação Física. Ademais, foram identificados dois perfis profissionais: a identidade de ofício, caracterizada pela forte influência da aprendizagem experiencial (tradição da educação artesanal), a partir da qual os treinadores perpetuam os métodos e valores de seus primeiros treinadores; e a identidade em mobilidade, que também reúne treinadores fortemente influenciados pela tradição da aprendizagem experiencial, mas que buscam romper com as práticas tradicionais de ensino e treinamento, especialmente por meio da apropriação de conhecimentos científicos.

Sobre a influência das realidades de trabalho na construção da identidade de treinadores(as), o estudo de Ives *et al.* (2021) indica que a construção da identidade profissional está atrelada às idealizações pessoais em relação ao trabalho. Os autores sinalizam que as dificuldades enfrentadas ao longo da carreira impactam negativamente os sonhos de obtenção de um emprego estável e com boa remuneração, conduzindo ao abandono do trabalho como treinador esportivo.

A realização de estudos no campo da sociologia do trabalho permite ampliar o olhar em relação aos efeitos provocados pelo neoliberalismo e pelo capitalismo de mercado, como o aumento do desemprego, a precarização das condições laborais, a desregulamentação e a flexibilização das relações de trabalho (Antunes, 2001). Para Dubar (2009), o cenário de transformações permanentes no campo das profissões e ocupações de uma sociedade provoca nos indivíduos crises identitárias, já que as formas de reconhecimento conhecidas incorporam outros significados. Assim, a associação desses fatores pode impactar a identidade, produzindo sensação de insegurança e desvalorização pessoal e profissional.

A despeito da relevância dos estudos supracitados, há uma escassez de investigações com enfoque nas identidades de treinadores(as) que atuam com modalidades e níveis esportivos específicos (Milistetd *et al.*, 2013). A opção por investigar o contexto futebolístico se justifica pela proeminência do esporte na realidade brasileira, especialmente pela profusão das escolas de futebol (Moraes, 2015; Scaglia, 1999), fenômeno típico da modernidade, com efeitos profundos no ensino do futebol (Machado; Thiengo; Scaglia, 2017) e, em nossa hipótese, extensivo à constituição da identidade dos(as) treinadores(as).

Diante dos elementos expostos, o objetivo da pesquisa foi investigar a constituição da identidade profissional de treinadores esportivos que atuam com o ensino do futebol para crianças. Destacamos que o presente estudo pode ser relevante para a formação profissional de treinadores, uma vez que a análise da constituição da identidade profissional permite identificar escolhas e contingências da vida pessoal e profissional de treinadores e, com isso, revelar os meandros da trajetória formativa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é de natureza qualitativa (Triviños, 1987), com abordagem descritiva e interpretativista acerca das relações biográficas e relacionais que envolvem o fenômeno da constituição identitária de treinadores(a) que atuam em escolas de futebol para crianças.

Para seleção dos participantes foram definidos três critérios de inclusão: serem formados em Educação Física; atuarem profissionalmente em escolas privadas de futebol da cidade de Goiânia, Goiás e terem um trabalho sistemático de ensino do futebol com crianças entre 8 e 10 anos de idade. Em vista disso, a partir de uma busca exploratória em plataformas de redes sociais e indicações por conveniência, seis participantes concordaram em participar voluntariamente do estudo, sendo cinco treinadores e uma treinadora. No entanto, um dos treinadores foi eliminado devido à inadequação aos critérios de inclusão que só foram revelados durante a coleta dos dados.

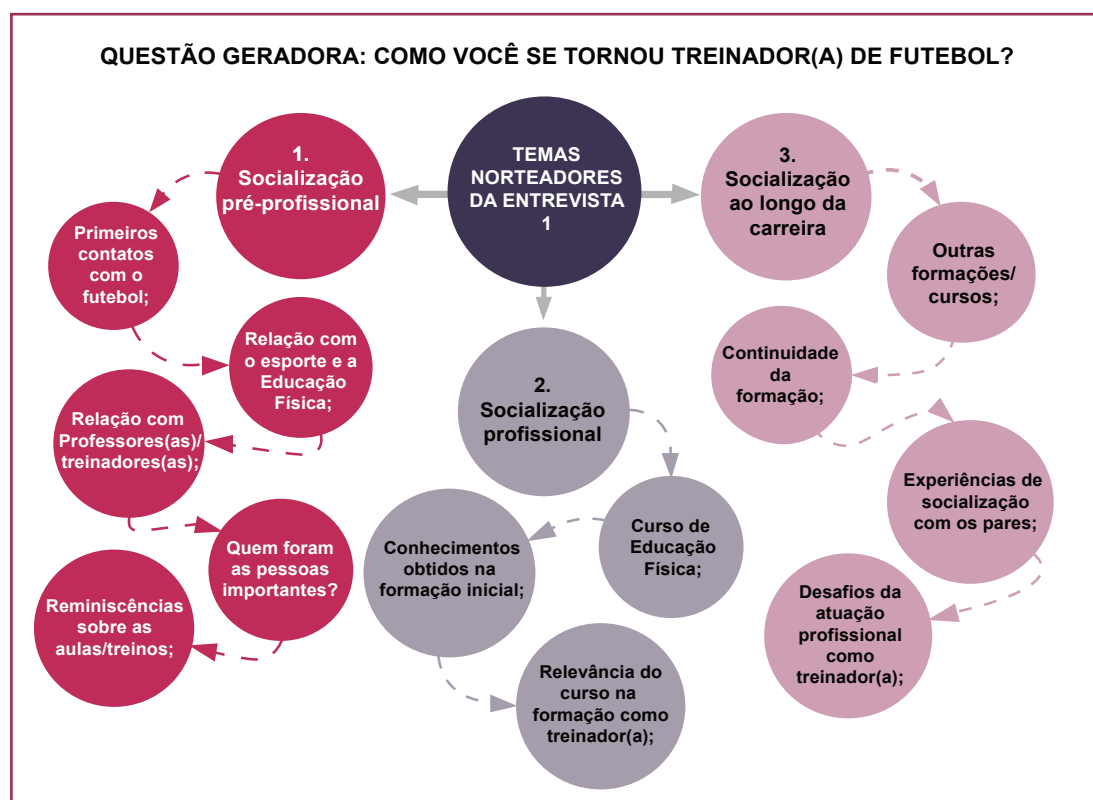
Para acessar as representações dos treinadores e da treinadora optamos pela utilização das narrativas de vida ancorada na perspectiva etnossociológica¹ (Costa;

¹ Costa e Santos (2020) destacam que a perspectiva etnossociológica integra conceitos da etnografia e da sociologia

Santos; 2020; Bertaux, 2005). De acordo com Bertaux (2005), a partir dos relatos de vida é possível obter informações relevantes sobre características dos atores, como a dimensão temporal dos mecanismos de funcionamento social² do objeto em estudo. Assim sendo, elencamos a técnica de entrevista em profundidade (Triviños, 1987).

Os treinadores e da treinadora foram submetidos(a) a uma entrevista narrativa, a partir da qual foram instigados e instigada a contar a história de acontecimentos de suas vidas e contextos sociais (Bauer; Gaskell, 2008). Na direção de compreender a entrada do sujeito em determinado mundo social (Bertaux, 2005), o roteiro de entrevista foi elaborado a partir da seguinte questão geradora: como você se tornou treinador(a) de futebol? Estabelecemos um conjunto de temas norteadores (Figura 1), com categorias estabelecidas a priori que dialogam com as etapas da socialização (Berger; Luckmann, 2014; Dubar, 2005). Ademais, são temas que ofereceram indícios importantes sobre o objeto de estudo, e não havia a necessidade de ser rigorosamente seguido.

Figura 1 – Questão geradora e temas norteadores da entrevista



Fonte: dados da pesquisa.

Em linha com as proposições de Bertaux (2005) a análise dos dados obtidos nas entrevistas foi realizada em cinco etapas, sendo: 1) transcrição das entrevistas

para uma análise das dinâmicas sociais e culturais na vida diária das pessoas. Destaca-se a importância de considerar o contexto cultural e social ao investigar os comportamentos, interações e identidades dentro de comunidades e grupos sociais.

2 Bertaux (2005) aponta que um mecanismo social é uma ferramenta ou processo incorporado na estrutura social, cuja função é influenciar ou regular comportamentos, interações e relações entre os membros de uma sociedade. Tais mecanismos podem variar de uma sociedade para outra, com diversas formas para a regulação e manutenção da ordem social.

para tradução de palavras e elementos não verbais para a linguagem textual; 2) reconstrução da estrutura diacrônica/temporal das narrativas buscando aproximação com a realidade discursiva biográfica; 3) reconstrução da estrutura sincrônica para a integração dos grupos de instituições onde os sujeitos exerceram diferentes papéis sociais; 4) análise compreensiva com a finalidade de evidenciar as informações e significados presentes nas narrativas, trazendo à tona indícios iniciais sobre fenômenos eminentemente sociais e que foram organizados em categorias definidas *a priori*, quais sejam: as três etapas de socialização (pré-profissional, profissional e ao longo da carreira); 5) análise comparativa para verificar a recorrência de temas presentes nos diferentes discursos coletados, a partir da qual foi possível elaborar as categorias de significado (Figuras 2, 3 e 4) que foram construídas *a posteriori*, em conformidade com a relevância e recorrência dos temas elaborados a partir da análise indutiva.

Desse modo, a realização dessas etapas desembocou em categorias representativas do processo de constituição identitária dos treinadores e da treinadora. Ademais, buscamos entrever os possíveis perfis identitários dos quatro treinadores e da treinadora de futebol a partir da análise da articulação entre o projeto pessoal e o projeto coletivo em cada etapa das socializações (Dubar, 2005; Wautier, 2001). O projeto coletivo é a base do campo social associativo, indicando a identidade atribuída que pode ser percebida como legítima conduzindo a aderência ou ser contestada caso seja compreendida como não legítima. O projeto pessoal está vinculado à identidade para si, reivindicada. Pode ser estabelecida em continuidade pela reprodução de socializações anteriores ou em ruptura, produzindo uma nova identidade (Wautier, 2001).

Wautier (2001) destaca que o processo de articulação entre os projetos dar-se-á por meio das estratégias de negociação que podem provocar tensões, no sentido do ajuste, acomodação ou ruptura identitária.

Registra-se, ainda, que o estudo foi realizado com o consentimento dos participantes e da participante, tendo sido a pesquisa aprovada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, sob o registro CAAE 03932718.3.0000.5083.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a apresentação dos resultados optamos por uma caracterização inicial dos treinadores e da treinadora. Na sequência apresentamos os resultados com base nas etapas de socialização e as respectivas categorias de significado.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA TREINADORA E DOS TREINADORES PARTICIPANTES

A seguir caracterizamos a treinadora e os treinadores participantes no sentido de facilitar a identificação e contextualização dos resultados (Quadro 1). Para garantir o caráter de confidencialidade, a entrevistada e os entrevistados foram identificados como T1, T2, T3, T4 e T5

Quadro 1 – Dados gerais e a formação inicial da treinadora e dos treinadores

Treinador(a)	T1	T2	T3	T4	T5
Gênero	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
Idade	27	24	40	38	26
Experiência como atleta	Futsal e futebol	Futebol	Futebol Natação	Futsal e Futebol	Futsal e Futebol
Formação inicial	Licenciatura e bacharelado	Bacharelado	Licenciatura plena	Licenciatura e bacharelado	Licenciatura
Instituição de Ensino Superior	Privada	Privada	Privada	Privada	Pública
Tempo desde a conclusão da graduação	3 anos	3 anos	13 anos	13 anos	5 anos
Tempo de experiência como treinador(a)	6 anos Futebol	6 anos Futebol	8 anos Futebol	17 anos (Futsal e Futebol)	7 anos

Fonte: dados da pesquisa.

A seguir descrevemos algumas informações pessoais e profissionais que contribuem para a identificação da treinadora e dos treinadores.

T1 é a única mulher entre as pessoas participantes do estudo. Com o maior reconhecimento do futebol de mulheres, ela segue investindo na carreira de jogadora. Atua como treinadora em uma escola de futebol que possui franquias com um time de outro estado e tem experiências profissionais com o ensino do futsal, natação e treinamento resistido com públicos diversos.

T2 era um praticante de futebol apaixonado pelo esporte. Após um acidente que o impediu de seguir investindo na carreira de futebolista, decidiu cursar bacharelado em Educação Física como forma de permanecer vinculado à modalidade. Tem interesse pela área de análise de desempenho no futebol. Possui experiências profissionais como treinador em escolas de futebol da cidade.

T3 vivenciou a prática de diferentes esportes, mas esteve intensamente vinculado à federação de futebol de Goiânia. Iniciou um curso superior em Administração e posteriormente migrou para o curso de Educação Física. Atualmente é treinador em duas escolas de iniciação ao futebol.

T4 acumulou, durante a infância e adolescência, experiências como jogador de futebol vinculado à categoria de base. Após a frustração de não se tornar futebolista profissional optou pelo curso de Educação Física, com a expectativa de continuar em contato com o esporte. Tem atuado como professor na Educação Física escolar, *personal trainer* e treinador de futebol na iniciação esportiva.

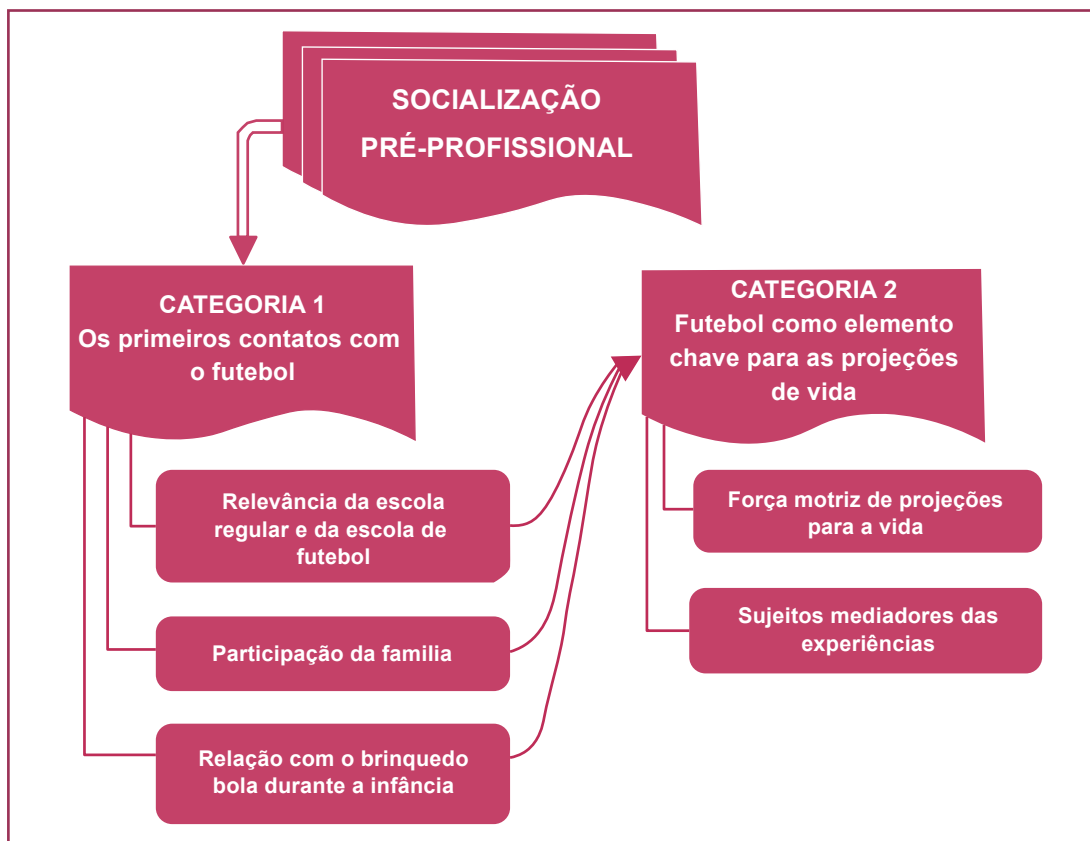
T5 esteve inserido na categoria de base de grandes clubes durante a adolescência. A participação em competições escolares marcou sua trajetória. É formado em licenciatura em Educação Física. Atua como professor da Educação Básica e é treinador de futebol em uma escola de iniciação.

3.2 ETAPAS DA SOCIALIZAÇÃO

Os resultados foram organizados de acordo com as etapas da socialização, quais sejam: socialização pré-profissional, socialização profissional e socialização ao longo da carreira. Em cada etapa foram descritas e discutidas as categorias de significado que emergiram da análise indutiva dos dados.

3.2.1 Socialização pré-profissional: das brincadeiras de bola com os pés durante a infância às projeções para o futuro

Figura 2 – Categorias de significado da socialização pré-profissional



Fonte: dados da pesquisa.

As histórias narradas têm como ponto de partida os relatos que evocam memórias da infância, período em que as vivências de brincadeiras de bola com os pés demarcam uma relação de atração e afetividade. As trajetórias biográficas também revelam a importância da influência familiar para o início e permanência na prática esportiva. O entrevistado T3 relata que “na infância sempre gostei, sempre pratiquei natação sempre fui bem atleta, joguei futebol vamos dizer a adolescência inteira então foi mais para esse lado mesmo. Gostava muito de atividade física”, indo de encontro aos relatos de T1, T2 e T4

Desde pequena eu sempre gostei. Eu tinha quatro anos de idade já, eu sempre gostava, quando a minha mãe me entregava uma boneca, eu preferia a bola. Meus pais começaram a ver que eu gostava muito de futebol [...] meu pai sempre gostou muito também, me acompanhou muito no início da minha carreira, ele me deu muita força. Minha mãe não aceitava, nunca aceitou. E meu pai sempre me incentivava e graças a ele hoje eu estou no futebol (T1).

Eu falo que o que eu sei fazer é mexer com bola. Eu sempre fui apaixonado, era daquele tipo de menino que chuta bola na parede. [...], mas sempre joguei bola, sempre gostei, sempre fui apaixonado. Era de assistir futebol o dia todo. [...] Tinha meu pai que era apaixonado por ser torcedor, meu padrinho, meu avô, mas jogar mesmo ninguém jogava. Só torcia, só a paixão de torcedor (T2).

O futebol foi uma questão de que quando eu era criança minha mãe percebendo um pouco da genética da família de meu pai de ganhar peso e gostar de ficar mais quieto, parado. E até para nós não ficarmos brincando na rua minha mãe colocou, tanto eu quanto o meu irmão, para fazermos futebol em um lugar certinho, escolinha (T4).

Considerando as experiências marcantes com o futebol na infância dos treinadores e da treinadora, vale recuperar os postulados de Berger e Luckmann (2014), para os quais as dinâmicas domésticas, vivenciadas na socialização primária, são constituídas por laços emocionais que viabilizam a absorção de papéis sociais e atitudes de outros significativos, representações sociais que constituem o alicerce da construção identitária.

Extrapolando a esfera da família, destaca-se a relevância da participação dos indivíduos em outras instituições. Os primeiros contatos com a prática esportiva do futsal de modo institucionalizado ocorreram na escola de ensino regular, onde T1, T2, T4 e T5 frequentavam os treinamentos semanais e disputavam campeonatos estudantis. O vínculo com escolas de futebol, em especial aquelas ligadas aos clubes de futebol do estado de Goiás, permitiram a ampliação das experiências relacionadas ao contexto das competições. De modo simbólico, ocupar esses lugares indicava a oportunidade de caminhar alguns passos em direção ao processo de profissionalização de T1, T2, T3, T4 e T5, como indicam os trechos abaixo:

E aí, passou um tempo eu fui criando experiência, saí [do time] da escola e encontrei um time feminino pela internet, que é o Time F. [...] Entrei lá com treze anos, e com quinze anos eu consegui pegar a categoria profissional. Aí viajei profissionalmente, joguei contra o Santos na Arena Barueri (T1).

Ainda tentei a carreira de jogador [profissional], busquei, joguei em escolinha, depois joguei federado em categoria de base no sub 13, sub 15, sub 17 e sub 20. [...] quando eu comecei era três vezes por semana na escolinha. Mas já com treze eu treinava todos os dias, já era alto rendimento, já era categoria de base no Time A (T2).

Treinei futebol na infância, dos sete aos dezessete anos joguei em categoria de base [...], de campeonato joguei pelo Colégio W, joguei na categoria de base do Time A, rodei os interiores, morando em cidades do interior [...] depois que você entra na categoria de base tem uma cobrança muito grande (T3).

Chegou uma época, na escola que eu estudava, tinha o time da escola e eu fui convidado e falei "vou jogar também". Eu queria era jogar bola. Entrei para o time da escola e na época treinava a tarde inteira, chegava em casa era só trocar de roupa um lanchinho rapidinho e ia à noite para a escola treinar futsal. [...] em 1994 eu lembro até hoje porque ainda tenho a identidade, 19 de março de 1994. E foi dessa forma: o primeiro contato com a escolinha e a partir daí federou (T4).

[Comecei a jogar futebol] por volta dos 10 ou 11 anos de idade. [Atuando] na categoria de base [...] a obrigatoriedade [dos treinos] era duas vezes por semana na escola e no Time B também duas vezes e tinha os jogos, então era mais ou menos esse padrão. Mas tinha situações que eu treinava três vezes por semana, variava bastante (T5).

De acordo com Berger e Luckmann (2014), quando um indivíduo desempenha e interioriza papéis em uma instituição o mundo social que é acessado converte-se em subjetivamente real. Em outras palavras, ao realizar a incorporação dos valores relacionados ao futebol no interior desses contextos o indivíduo passa a ocupar um lugar na sociedade, nesse caso enquanto praticante de futebol em uma escola de iniciação e, também, como estudante da educação básica participa de competições estudantis na modalidade futsal, resultando no acordo entre a identidade atribuída e a identidade reivindicada.

Posto isso, é possível afirmar que a intensa relação que T1, T2, T3, T4 e T5 estabeleceram com o brinquedo bola e as brincadeiras de bola com os pés não ocorreu de modo aleatório, apontando a grande influência exercida pelo ambiente social (Berger; Luckmann, 2014).

Ao constatar a relevância da experiência social na constituição dos treinadores e da treinadora, faz-se necessário analisar o conteúdo dessas experiências. Nesta direção, é possível afirmar que as sucessivas socializações de T1, T2, T3, T4 e T5 estavam circunscritas a um contexto histórico marcado por mudanças na constituição sociocultural do futebol. Notadamente, a transformação da conjuntura urbana fez com que houvesse a redução dos espaços utilizados para as práticas esportivas amadoras e recreativas (Fischer *et al.*, 2023; Freire, 2011). Contribuindo para a criação e popularização das categorias de base no Brasil, com vistas à especialização esportiva (Machado; Thiengo; Scaglia, 2017).

Portanto, vivenciar estes ambientes institucionalizados, ainda que estivesse sob os efeitos de uma nova determinação social, foi crucial para reforçar a adesão ao projeto coletivo e para a continuidade dos projetos pessoais de T1, T2, T3, T4 e T5.

No que concerne à continuidade dos projetos pessoais, os treinadores e a treinadora foram impulsionados(as) pela força catalizadora proveniente do futebol, resultando na ampliação da perspectiva de mundo. O que se percebe é que os investimentos para se profissionalizarem no esporte e os incentivos dispensados por professores e treinadores funcionaram como fios condutores para as projeções de futuro, como é evidenciado por T1, T2 e T4.

O que eu mais lembro são de momentos de jogo, campeonato, competição, viagens. Para falar a verdade é o que mais me marcou e ainda marca. Em especial as viagens, porque assim, o esporte, o futebol, pôde me proporcionar muita experiência boa, tudo sem ter que pagar um real (T1).

Lembro pouca coisa. Eu sempre gostei demais, então só de estar dentro do campo, participar, para mim já era um êxtase. [...] estava naquele momento ali que tudo estava bom, que esquecia de tudo, um momento seu com você mesmo (T2).

Um treinador, esse mesmo Francisco, que já tem muito tempo no futebol, me viu na escolinha do Time A e me convidou. Chegou para minha mãe [falando] “acho que seu filho tem potencial, ele pode se tornar jogador”. Minha mãe sempre nos apoiou em tudo, então acabou que ela foi incentivando (T4).

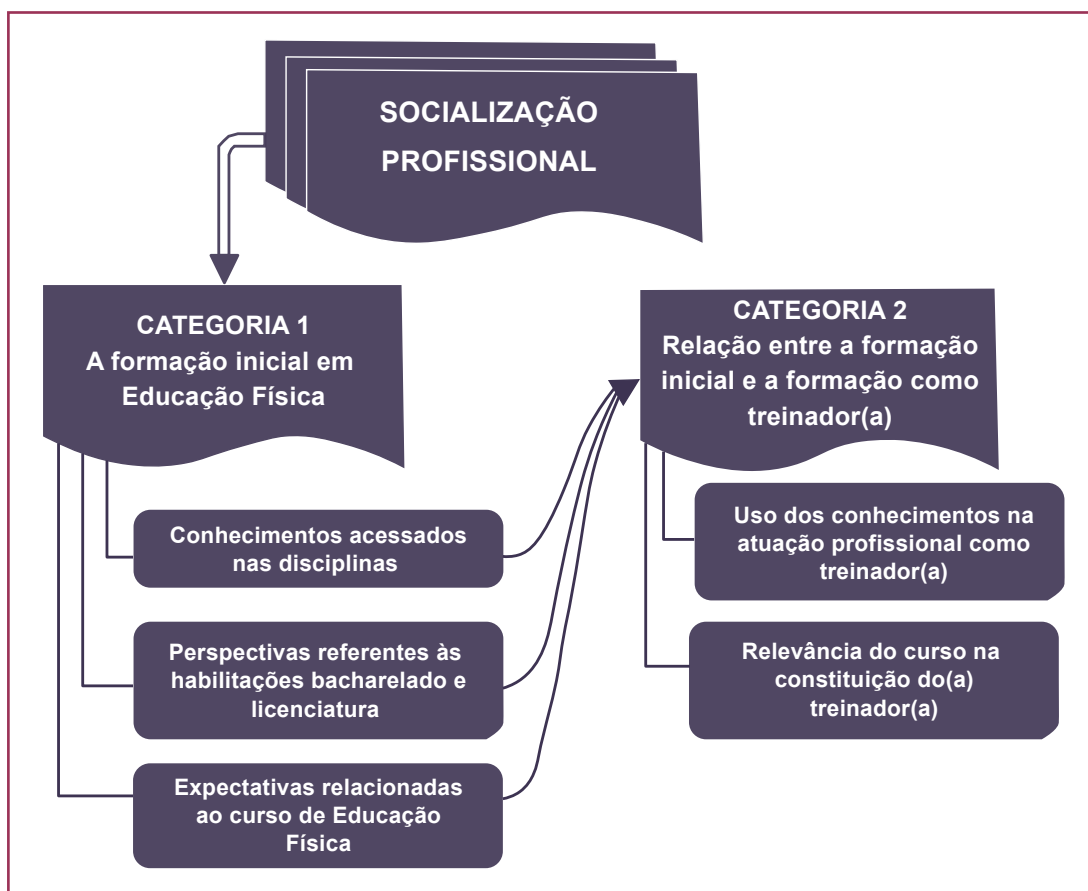
As experiências em competições e as influências de personagens marcantes (professores e treinadores de futebol) foram importantes para que os treinadores e

a treinadora pudessem vislumbrar um caminho atrelado ao futebol que oferecesse oportunidades significativas para a vida. No entanto, apesar dos anseios individuais, a somatória de esforços não garantiu um carimbo no passaporte para a profissionalização, produzindo o que nomeamos como um sentimento de frustração. Wilpert (2005) sinaliza que há décadas a realidade brasileira em torno do processo de profissionalização de jogadores de futebol não é mais a mesma, considerando os paradigmas do futebol arte e o futebol força. A utilização do termo “arte” fazia menção à criatividade, espontaneidade e leveza. Já a palavra força era utilizada como sinônimo de virilidade, ações planejadas e com bases científicas. Tais transformações provocaram impactos no modo de pensar a formação de atletas a partir de instituições especializadas e produzindo impactos nas dinâmicas de acesso ao futebol profissional.

Em síntese, o período de socialização pré-profissional foi fortemente marcado pelo encantamento em relação à prática do futebol e à ampliação de mundo. O processo de interiorização dessa realidade social resultou em identidades que evidenciavam adesão e acordo com o projeto coletivo hegemônico, caracterizado pela tradição da formação no futebol. Uma identidade fundada no gosto pela prática e treinamento do futebol, pelo desejo em permanecer vinculado a este espaço social e pela projeção do sonho de autorrealização profissional no futebol.

3.2.2 Socialização profissional: da formação inicial à atuação profissional

Figura 3 – Categorias de significado da socialização profissional



Fonte: dados da pesquisa.

Apesar do sentimento de frustração dos treinadores e da treinadora em relação ao processo de profissionalização no futebol, as experiências pregressas no campo esportivo e o encantamento com a modalidade na etapa da socialização primária foram elementos propulsores na escolha pelo curso superior em Educação Física. Além disso, havia a expectativa de se tornarem treinador(a) de futebol, como destacado nos trechos a seguir:

A experiência foi muito boa e eu busquei o curso de Educação Física com esse sonho, porque como não deu certo me tornar jogador profissional, a minha ideia foi fazer Educação Física e poder continuar mexendo com o futebol, mesmo que fora das quatro linhas. Poderia virar treinador, preparador físico, um fisiologista ou alguma coisa assim, mas a intenção sempre foi trabalhar com o futebol. Seja escolinha, categoria de base ou quicá em time profissional (T4).

[...] como sempre estive conectada com o esporte, a Educação Física mexeu muito comigo, principalmente pela parte prática desde que comecei a praticar esportes. Não teve outra saída, fui para a Educação Física mesmo, e amei! (T1).

É um curso que te dá várias áreas para trabalhar. Eu sempre fui apaixonado por futebol, quando eu comecei o curso eu já sabia o que eu queria fazer, não foi assim “vou fazer o curso, mas será se vai dar certo?”, eu já tinha foco no que queria fazer e me especializar (T2).

Em investigação sobre a constituição identitária de docentes universitários de Educação Física, Basei (2011) destaca que a identidade profissional dos participantes foi intensamente marcada pelo contato com atores significativos, sejam professores e/ou treinadores, e as relações que os sujeitos estabeleceram com o esporte em tempos e espaços de aprendizagem situados na etapa da socialização pré-profissional.

Cardoso, Batista e Graça (2016), em estudo com estudantes estagiários portugueses, explicitam como as experiências prévias, marcadas pela internalização de valores, normas e comportamentos são introjetados, exercem influência no processo de identificação com a profissão, assim como na compreensão do ensino e nos investimentos para o desenvolvimento profissional. No caso da treinadora e dos treinadores de futebol que participaram do presente estudo, as vivências e interações anteriores também foram relevantes na construção da identidade e na trajetória profissional.

Na esteira das experiências vivenciadas durante a graduação em Educação Física, constatamos que T4 e T1 desconheciam as especificidades da formação em nível superior, bem como a estruturação curricular e as dimensões da inserção profissional.

A única coisa que eu não dou conta no nosso curso [é] eles quererem separar licenciatura de bacharelado, não tem como. Eu não consigo ver uma separação, não tem como. Se for olhar grosso modo a parte pedagógica, por exemplo, a mesma coisa o que você faz em uma escola você vai fazer aqui [na escola de iniciação esportiva] tem planejamento e didática, como que você separa isso? (T4).

[...] foi muito bom estudar bioestatística e bioquímica, essas outras matérias mais difíceis [no bacharelado], ver que algumas coisas que nunca imaginei fazem parte da Educação Física. O povo só pensa “Ah, Educação Física é só esporte”. Mas não é, o povo está enganado. Tive que estudar bastante (T1).

Os participantes T2, T3 e T4 reconheceram a importância do curso de Educação Física e da apropriação dos conhecimentos referentes à Anatomia, Fisiologia, Psicomotricidade e Pedagogia, que são utilizados cotidianamente para auxiliar a prática profissional, como destacaram Pedro e Cláudio:

Tem a periodização no treinamento esportivo que me ajudou bastante, a própria Anatomia por conhecer o corpo, o desenvolvimento, a maturidade das crianças. A questão da faixa etária, respeitar a faixa etária, [conhecimento] que vem ali da fisiologia do exercício. [...] você pega uma coisinha lá que lembra que estudou, gostava, aprendeu e põe em prática. Então é bem válida a formação da Educação Física (T3).

Acredito que a parte da pedagogia ajudou demais, porque quando você trabalha com iniciação você tem que tomar cuidado para não [focar só na] evolução de aluno que já tem um nível maior que os demais da turma e não excluir um aluno. Como se parecesse [com a realidade] na escola e tentar puxar esse aluno com o nível um pouco abaixo, que chega ali para fazer uma atividade física, que pode não gostar de futebol, mas o pai coloca para correr (T5).

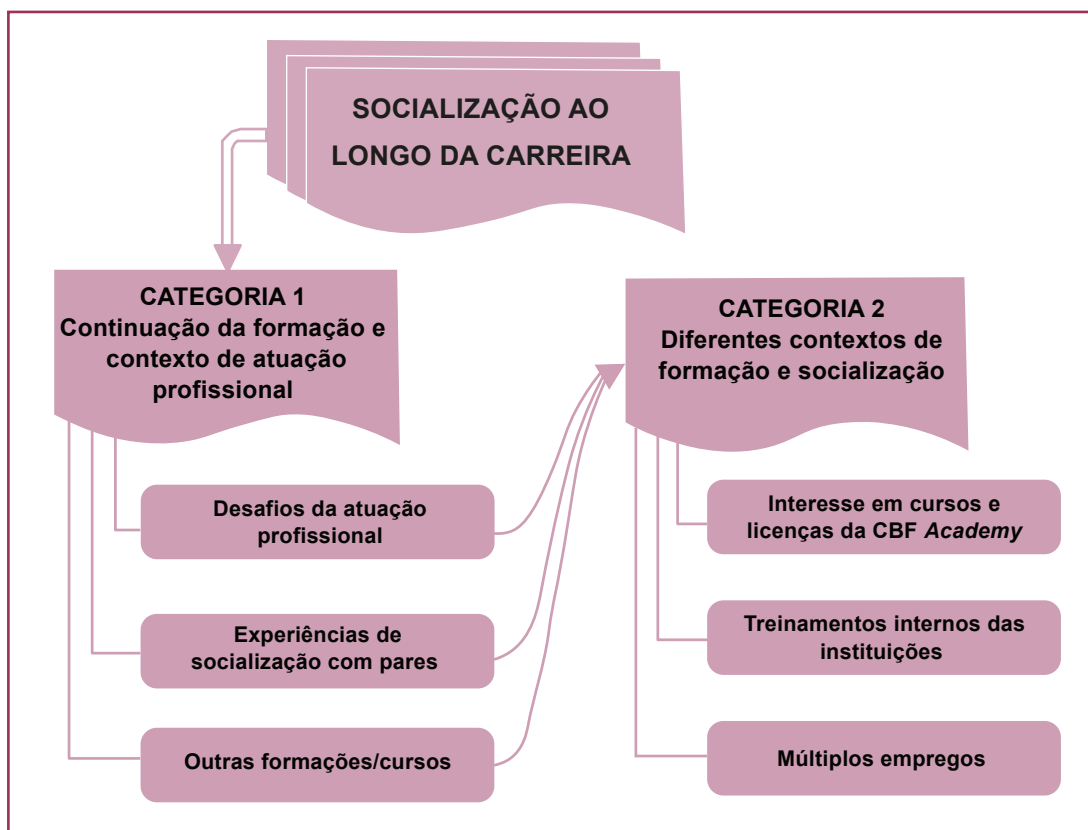
E a formação foi boa para conhecer outras áreas, como anatomia que quase não vemos em colégio. Ossos e músculos não se vê no colégio. Então o curso te mostra que é mais além do que jogar bola, tem muito mais partes teóricas. [...] [as vivências nas disciplinas práticas] foram boas, você já aprende de forma mais aprofundada porque várias regras você, até mesmo quando joga, não entende (T2).

A despeito dos conhecimentos apropriados e valorizados por T1, T2, T3, T4 e T5 na formação inicial em Educação Física é perceptível que o curso superior não alterou profundamente a identidade que estava calcada nas experiências como futebolistas. Tal resultado corrobora com achados anteriores que indicam as limitações da formação inicial de caráter generalista (Milistetd *et al.*, 2017) em promover a revisão das representações identitárias que foram construídas ao longo da socialização primária e a baixa representatividade em relação ao projeto pessoal dos treinadores.

Em linhas gerais, predomina a identidade baseada nas experiências como jogador(a), porém há o reconhecimento da pertinência dos conhecimentos especializados. Rodrigues, Paes e Souza Neto (2018), encontraram evidências semelhantes na constituição identitária de treinadores(as) de basquetebol. Ao descreverem o perfil da identidade em mobilidade, os autores destacam que representações profissionais dos(as) treinadores(as) eram fortemente alicerçadas nas experiências pré-profissionais, resultado da imersão na cultura esportiva. E que o acesso aos conhecimentos científicos no curso de Educação Física influenciou as representações profissionais dos(as) treinadores(as) investigados, porém não chegaram a transformar profundamente as crenças sobre o treinamento esportivo.

3.2.3 Socialização ao longo da carreira: possibilidades formativas e o panorama de múltiplos empregos

Figura 4 – Categorias de significado da socialização ao longo da carreira



Fonte: dados da pesquisa.

Quanto à etapa da socialização ao longo da carreira, os resultados expõem os movimentos realizados pelos treinadores e pela treinadora em direção à continuidade da formação, a necessidade de sobrevivência profissional e a tentativa de inserção profissional no mundo do futebol.

A continuidade da formação ocorre pelo investimento em espaços formais de aprendizagem, seja pela realização de cursos ou licenças ofertadas pelo núcleo educacional da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Escola Técnica da CBF *Academy*, pela participação em cursos livres com temáticas relacionadas ao futebol e pelo ingresso em uma pós-graduação *lato sensu*.

Estou no meio de uma [especialização] de psicomotricidade. [...] na verdade, foram cursos com questões mais teóricas nem tanto práticas. É válido, mas na hora que você vai para [uma formação] prática auxilia demais, ajuda muito (T4).

[fiz um curso da] CBF *Academy*. Se não estiver enganado é formação de professores de futsal e futebol. É um curso que era quinzenalmente [...] fiz depois do curso de graduação. Tem alguns minicursos que são por palestras que eu fiz [...] outra coisa é que todos eles foram à distância, o que é bom traz contribuições, mas se fosse presencialmente traria uma contribuição muito maior para a formação (T5).

As possibilidades de aquisição de conhecimentos não se restringem a ambientes formais de aprendizagem. Os treinadores e a treinadora revelaram estabelecer contato com colegas de profissão, configurando situações informais de aprendizagem (Nelson; Cushion; Potrac, 2006). Entretanto, como veremos a seguir, as relações são definidas de modos diversos.

Aqui mesmo [na escola de futebol] nós fazemos isso [...] é mais em grupo no WhatsApp. [...] cada um ajuda o outro em uma área, por exemplo, um da área de preparação, outro da área de campo, outro mais em gestão de grupo. A gente se ajuda. Faz *workshops* e cada um ajuda na área que tem mais influência (T2).

Tem um grupo de professores [da rede do Time E] que tem sempre uma troca de experiência lá. Nós temos hoje em dia a facilidade da internet, do YouTube da vida. Então sendo um pouquinho curioso você sempre tem a opção de treinamento para olhar e colocar em prática, adaptar para o seu meio, [com base no] que você está precisando (T3).

No bojo das experiências formativas, a certificação em cursos e licenças ofertados pelo núcleo educacional da CBF *Academy*, aparece como objeto de desejo de T1, T2, T4 e T5. A treinadora manifesta seu interesse ao dizer: “um dia eu vou fazer, eu quero. Porém não tenho condição porque é meio puxado, mas eu ainda vou [...] vou juntar e vou fazer, eu quero. Porque eu sei que vale a pena” (T1).

Eu queria, por exemplo, fazer um curso da CBF, mas na hora que eu vi os preços... é fora de cogitação. Sou casado, pago a prestação de uma casa, tenho um filho pequeno, as contas da casa o tempo inteiro, todos os meses, escola, comida, roupa, médico. E aí como é que você tira esses valores absurdos para pagar um curso? [...] eu vou buscando de outras maneiras, acaba indo mais para essa parte teórica, para você ver [e poder] ter uma noção e melhorar o *networking*, nada tão específico (T4).

Outra possibilidade formativa é a realização de treinamentos internos das escolas, visando a padronização das intervenções e qualificação profissional dos treinadores, como relata T5.

Próximo domingo, dia cinco, tem a reunião dos professores que nós fazemos todo semestre, onde são feitos treinamentos, curso de primeiros socorros, alinhamento da sequência de aulas dos professores, por vezes muda a pedagogia e dinâmica do professor, mas o padrão de aula é o mesmo (T5).

Nessa direção, o desejo dos treinadores e da treinadora em adquirir e atualizar os conhecimentos é atravessado pela necessidade de vinculação a múltiplas atividades laborais, e pela dificuldade de inserção em contexto estáveis e valorizados de trabalho no futebol. Como aponta T1 “Eu trabalho em todas as categorias nas duas unidades da franquia. Aqui nessa unidade eu trabalho com iniciação. Na outra unidade é mais pré equipe” e T2 “Eu trabalho dando aula de futsal em uma escola particular e tenho aluno de *personal* [soccer] aqui”. Os treinadores T3 e T4 também vivenciam essa realidade de múltiplos empregos.

[...] hoje eu trabalho aqui [Time E] e trabalho no Time A também, trabalho nas duas. [...] é o período da tarde, é todo dia. Porque eu fico lá no Time A dia de terça e quinta das 14h00 às 18h00. E aqui [Time E] de segunda à quinta. E todo sábado tem jogo. [...] é complicado, pois o professor de Educação Física trabalha muito e ganha pouco (T3).

Trabalho em mais duas escolas [educação básica], trabalho em outro projeto dentro de uma outra instituição, mas é um projeto esportivo. E mais *personal* [trainer], essas coisas que a gente consegue fazer nessa área [da Educação Física] mesmo (T4).

Tal realidade se apresenta enquanto um obstáculo para fazer investimentos nos projetos pessoais que permitiriam galgar melhores oportunidades de trabalho. Martins e Figueiredo (2015) constataam que a trajetória e a carreira na área da Educação Física são marcadas pela busca por uma estabilidade de emprego e remuneração satisfatória, resultando na pulverização do trabalho em diferentes campos de inserção como uma via de sobrevivência.

Os autores Ives *et al.* (2021) destacam que a constituição identitária de treinadores esportivos é fortemente impactada pela lógica neoliberal das relações de trabalho e emprego. A identidade é compreendida como uma mercadoria que, de acordo com o desempenho no âmbito financeiro, pode gerar recompensas como reconhecimento e aprovação social ou, contrariamente, não reconhecimento e exclusão social. Desse modo, os conflitos motivados por reivindicações de dignidade de trabalho e reconhecimento, social e salarial, como treinador(a) de futebol, resultam em identidades insatisfeitas.

No caso dos treinadores e da treinadora a insatisfação profissional se materializa nas barreiras encontradas para acessar o trabalho como treinador(a) ou assistente técnico nas categorias de base e no futebol profissional, um mercado valorizado em termos de reconhecimento social e, ao mesmo tempo, restrito em termos de disponibilidade de emprego. O entrevistado T5 afirma “tenho como objetivo ser treinador de futebol em categoria de base”, enquanto T4 e T1 mencionam os seus desafios em relação ao futebol.

E na hora que você vai mexer no futebol mesmo, na essência, o que mais tem é isso aí, coisas que nos deixam decepcionados. Eu mesmo quando fiquei sabendo de certas situações e como professor de Educação Física, eu não sabia o que acontecia dentro do futebol brasileiro (T4).

Meu maior desafio é, como professora, conseguir chegar nem que seja como auxiliar [técnica] em algum time fora do estado de Goiás. [Ir para] São Paulo, Rio de Janeiro. Só assim já estou realizada. Eu não penso muito grande, não penso em seleção. [...] queria estar com um time que tem um fisiologista, um fisioterapeuta, um profissional para cada área. Uma coisa que investe mesmo, que é bem estruturado (T1).

Como consequência disso, há uma idealização de que a formação continuada possa suprir as lacunas percebidas.

Talvez se eu tivesse essa parte de aperfeiçoamento poderia trabalhar melhor a minha pedagogia, ou as pedagogias, dentro da sequência do meu treinamento. Acredito que isso é uma coisa que faltou demais na minha formação (T5).

Eu já estou me organizando para ir fazer um curso CBF, não na área da Licença C, mas estou pensando em fazer sobre análise de desempenho pois eu vejo que é uma área que vai crescer muito junto com o futebol Goiano. [...] estou pensando em me especializar com essa área (T2).

Dubar (2009) esclarece que há uma relação direta entre a dimensão do trabalho e as identidades, que são diametralmente impactadas pelas transformações culturais e econômicas sofridas no interior da sociedade moderna. Um aspecto relevante se refere à lógica das competências que transfere aos indivíduos a responsabilidade pela própria formação continuada para se manter em estado de competição de mercado e prontos para serem contratados.

As restrições de acesso ao campo de atuação do futebol de base ou profissional, seja pela capacidade reduzida desses campos de acolher a força de trabalho ou pelos requisitos exigidos para a inserção profissional, reduzem as possibilidades de acomodação da identidade reivindicada (com atos de pertencimento realizados ao longo da vida e o desejo de reconhecimento social) à identidade atribuída (marcada pelos atos de atribuição e as relações de forças com entidades e outros indivíduos), o que instala um estado de descontentamento profissional. Concomitantemente, há uma idealização em torno das experiências de formação continuada como elemento que poderá comportar a identidade reivindicada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da perspectiva sociológica da identidade constatamos que a trajetória formativa dos treinadores e da treinadora foi permeada por sucessivas socializações realizadas no período da infância até a vida adulta, resultando na construção de identidades e compreensões sobre si que estão fortemente vinculadas às experiências como atleta e como treinador(a) com o futebol. Diante de um contexto histórico e cultural em constante transformação, as negociações identitárias evidenciam as tensões entre projeto individual e o projeto coletivo, considerando que há a necessidade de ajustar as aspirações de cada indivíduo e a lógica das escolas de ensino do futebol.

Especificamente em relação à identidade profissional o enfrentamento da realidade cotidiana no mundo do trabalho no campo da Educação Física, em especial no âmbito futebolístico, não abarca de forma unânime os anseios individuais. Com a finalidade de alcançar um acordo entre a identidade reivindicada e o desejo por reconhecimento social, a treinadora e os treinadores idealizam que as oportunidades de formação continuada irão suprir as necessidades de uma identidade insatisfeita.

Ressaltamos que o estudo teve um recorte específico, apresentando contornos socioculturais particulares de um centro urbano no interior do Brasil, o que recomenda cuidado com possíveis generalizações. No que se refere à projeção de estudos futuros, é indispensável levar em consideração as constantes transformações do capitalismo neoliberal que provocam impactos em diferentes esferas da sociedade, em especial o contexto esportivo. Portanto, é importante ponderar as variáveis do mercado de trabalho como as oportunidades de emprego, as condições de trabalho, renda salarial, perspectivas de formação entre outros aspectos que fazem parte da constituição da identidade profissional de treinadores(as) esportivos(as) na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Trabalho e precarização numa ordem neoliberal**. In: GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 37-50.
- BASEI, Andréia Paula. As ações pedagógicas do professor de educação física do ensino superior: analogias com a trajetória formativa. **Acta Scientiarum. Education**, v. 33, n. 1, p. 37-47, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v33i1.11169>
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 36. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida: perspectiva etnosociológica**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005.
- CARDOSO, Inês; BATISTA, Paula; GRAÇA, Amândio. A identidade do professor de educação física: um processo simultaneamente biográfico e relacional. **Movimento**, v. 22, n. 2, p. 523-538, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.54129>
- COSTA, Luciano Rodrigues; SANTOS, Yumi Garcia. O “relato de vida” como método das ciências sociais: entrevista com Daniel Bertaux. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 32, p. 319-346, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2020.159702>
- DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FISCHER, Thomas Guido *et al.* Como se aprende futebol: evidências da pedagogia da rua na história de vida de ex-jogadores profissionais. **Corpoconsciência**, v. 27, n. e15301, p. 1-17, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51283/rc.27.e15301>
- FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.
- IVES, Ben *et al.* Uncertainty, shame and consumption: negotiating occupational and non-work identities in community sports coaching. **Sport, Education and Society**, v. 26, p. 87-103, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/13573322.2019.1699522>
- MACHADO, João Cláudio; THIENGO, Carlos; SCAGLIA, Alcides José. A formação do treinador de iniciação esportiva: o que é preciso aprender para ensinar futebol. In: GALATTI, Larissa *et al.* (ed.). **Desenvolvimento de treinadores e atletas: pedagogia do esporte**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. p. 163-188.
- MARTINS, Maria Luiza; FIGUEIREDO, Zenólia. Trajetória formativa e profissional em Educação Física: conhecimentos da formação inicial e perspectivas de carreira. **Motrivivência**, v. 27, n. 44, p. 11-23, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n44p11>
- MILISTETD, Michel *et al.* Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas como componente curricular. **Journal of Physical Education**, v. 28, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v28i1.2849>
- MILISTETD, Michel *et al.* Socialização profissional e a construção da identidade de treinadores esportivos. In: NASCIMENTO, Juarez *et al.* (ed.). **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, 2013. p. 385-406.

MOLETTA, Andréia Fernanda *et al.* Treinadores e treinadoras de basquetebol de Santa Catarina: o desenvolvimento da aprendizagem formal, informal e não-formal. **E-balonmano. com: Revista de Ciencias del Deporte**, v. 15, n. 3, p. 197-206, 2019. Disponível em: <http://ojs.e-balonmano.com/index.php/revista/article/view/481/pdf>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MORAES, Ivan. **Formação de jogadores de futebol no Brasil**: da implementação às perspectivas futuras do Certificado de Clube Formador. 2015. Dissertação (Mestrado em Gestão Desportiva) - Faculdade e Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2015.

NELSON, Lee; CUSHION, Christopher; POTRAC, Paul. Formal, nonformal and informal coach learning: a holistic conceptualisation. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 1, n. 3, p. 247-259, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1260/174795406778604627>

RODRIGUES, Heitor. **A formação e desenvolvimento profissional do treinador**: um estudo sobre os treinadores de basquetebol, suas identidades e saberes. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2014.921254>

RODRIGUES, Heitor; PAES, Roberto Rodrigues; SOUZA NETO, Samuel. A construção da identidade na socialização profissional de treinadores: entre a escola de ofício e a academia. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 32, n. 3, p. 427-441, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/1807-5509201800030427>

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/296826894.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2023.

SOUZA JÚNIOR, Orlando Marreiro *et al.* Conhecimento sobre identidade profissional docente na Educação Física. **Movimento**, v. 29, p. e29028, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/120687>. Acesso em: 10 out. 2023.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Editora Atlas, 1987. v. 1.

WAUTIER, Anne Marie. **A construção identitária e o trabalho nas organizações associativas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

WILPERT, Raul Antônio. **O futebol como agente de inclusão e interação social**: um estudo de caso sobre as escolinhas de futebol de Florianópolis - SC. 2005. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://tede.ufsc.br/teses/PEPS4594.pdf>. Acesso em 10 out. 2023.

ZANATTA, Mariana Scussel. Nas teias da identidade : contribuições para a discussão do conceito de identidade na teoria sociológica. **Perspectiva**, v. 35, n. 132, p. 41-54, 2011. Disponível em: https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/132_232.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

Abstract: The purpose of this study was to investigate the constitution of the professional identity of sports coaches who teach soccer to children. Data were collected from narrative interviews with five coaches who graduated in Physical Education. To analyze the data, we performed transcription; reconstruction of diachronic and synchronic structure; comprehensive and comparative analysis. The results revealed that the process of identity constitution is the result of successive socializations carried out throughout life, resulting in negotiations between the relational and biographical dimensions. We concluded that the professional identity of those coaches is marked by a feeling of frustration, resulting in an identity that is unsatisfied with professional expectations and idealizes continuing education as a gateway to social recognition and better possibilities for professional insertion in the market.

Keywords: Professional identity. Coaches. Professional qualification. Soccer.

Resumen: El objetivo de esta investigación fue investigar constitución de la identidad profesional de los entrenadores deportivos que enseñan fútbol a niños. Los datos se recolectaron a partir de entrevistas narrativas realizadas a cuatro entrenadores y una entrenadora con formación en Educación Física. Para el análisis de datos, realizamos la transcripción; reconstrucción de la estructura diacrónica y sincrónica; análisis comprensivo y análisis comparativo. Los resultados revelan que el proceso de constitución de identidad es consecuencia de sucesivas socializaciones a lo largo de la vida, resultando en negociaciones entre las dimensiones relacional y biográfica. Concluimos que la identidad profesional de los entrenadores y de la entrenadora está marcada por un sentimiento de frustración, que se traduce en una identidad insatisfecha respecto a las expectativas profesionales y que idealiza la formación continuada como puerta de entrada al reconocimiento social y a mejores posibilidades de inserción profesional.

Palabras clave: Identidad profesional. Entrenadores. Entrenadoras. Fútbol.

LICENÇA DE USO

Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja corretamente citado. Mais informações em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declararam que não existe nenhum conflito de interesses neste trabalho.

CONTRIBUIÇÕES AUTORAIS

Ana Karla Rodrigues Pereira: Conceituação; Curadoria de dados; Análise formal; Investigação; Metodologia; Redação – Rascunho Original.

Larissa Rafaela Galatti: Conceituação; Redação – Revisão e Edição.

Carlos Rogério Thiengo: Conceituação; Redação – Revisão e Edição.

Heitor de Andrade Rodrigues: Conceituação; Supervisão; Visualização; Redação – Revisão e Edição.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

ÉTICA DE PESQUISA

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Goiás. Número do protocolo CAAE: 03932718.3.0000.5083.

COMO REFERENCIAR

PEREIRA, Ana Karla Rodrigues; GALATTI, Larissa Rafaela; THIENGO, Carlos Rogério; RODRIGUES, Heitor de Andrade. A identidade profissional de treinadores de escolas de futebol: entre o sonho e a insatisfação. **Movimento**, v. 30, p. e30024, jan./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.138111>

RESPONSABILIDADE EDITORIAL

Alex Branco Fraga*, Elisandro Schultz Wittizorecki*, Guy Ginciene*, Mauro Myskiw*, Raquel da Silveira*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, RS, Brasil.